

“REFORMA E REVOLUÇÃO NO DISCURSO DO PRESIDENTE LULA”

RESUMO

O artigo a ser apresentado para o ‘Seminário Internacional: Gramsci e os movimentos populares’ é o terceiro artigo derivado da dissertação de mestrado, defendida na UFBA em 2008, “*Os sentidos do socialismo no discurso do Presidente Lula*”, cujo objetivo geral foi identificar e interpretar no interior do contexto ideológico produzido pelo discurso do presidente Lula, a produção de sentidos acerca do socialismo, em um momento chave de seu percurso histórico: o primeiro mandato no Executivo Federal. O pano de fundo foi o duplo movimento que levou o PT à vitória eleitoral de 2002: de um lado o potencial político do “lugar da mudança” ocupado pelo candidato Lula da Silva, e por outro pela aceleração do processo empreendido pelo PT de marcha ao centro do espectro político partidário. Analisamos os documentos oficiais do Partido dos Trabalhadores, o desenvolvimento histórico das disputas internas e as características gerais das realizações do governo, a fim de contextualizar os eventos discursivos estudados: artigos, programas de rádio, entrevistas e discursos. Partindo de uma relação crítica e criativa com a tradição de pensamento marxista - na qual se destacam como referências Gramsci, Bakhtin, Lukács, Mészáros e Eagleton entre outros - desenvolvemos uma metodologia interdisciplinar combinando referências teóricas pertinentes ao objeto estudado nas áreas da História, Teoria Política, Economia Política e Análise de Discurso, redundando na aplicação de formas quantitativas e qualitativas de análise. Posicionamo-nos entre aqueles que assinalam a existência de um processo de transformismo político do PT que o tem levado a uma posição social-liberal e à sua integração ao bloco hegemônico das classes dominantes, seus associados e clientes. Isto tem produzido deslocamentos de sentido da idéia de socialismo no PT, que se não analisados através da compreensão do desenrolar de sua luta interna e do contexto social, tendem a levar a uma leitura naturalizadora da sua adesão à política hegemônica.

O governo de Lula não tardou a sentir e aceitar as pressões pela adequação aos cânones das políticas econômicas neoliberais, dado o esvaziamento da força orientadora do referencial socialista que estava na base das transformações programáticas operadas no PT ao longo da década de 90. Neste cenário histórico com seus componentes estruturais básicos do ponto de vista interno e do ponto de vista da inserção internacional do Brasil, se compreendem o contexto da disputa de hegemonia entre as

perspectivas ideológicas mais gerais (apologéticas, crítico-adaptativas e crítico-radicais) que, na esquerda política e social, se dividem prioritariamente entre as macro-estratégias gradualista-social-democrata e socialista-radical. Desta forma, estão compreendidos os elementos estruturantes da prática ideológica constituída pelas construções discursivas do presidente Lula, no que se refere à produção de sentidos a respeito do socialismo. A ideia de *revolução* aparece em larga escala como algo positivo, um indicador de qualidade das políticas públicas e um adjetivo das ações do governo. Frequentemente é usada como o padrão de medida, porém, o mesmo não ocorre quando procuramos a ideia de revolução associada ao elogio de uma estratégia revolucionária, no Brasil ou fora dele. Ao contrário, a revolução como processo de futuro, quando aparece, é desqualificada. A insistência das afirmações sobre o caráter revolucionário das ações do governo possui dois aspectos centrais: buscam, de um lado, reafirmar implicitamente que este é o governo de esquerda; e, por outro lado, disputar o sentido da transformação desejada em amplas parcelas das suas bases sociais, inclusive do seu eleitorado que almejava uma candidatura de mudança. A ideia de *reforma* ocupa um espaço central para o desenvolvimento político da agenda governamental, sem que haja qualquer grau de diferenciação crítica em relação às reformas neoliberais dos governos anteriores. Ao contrário, foram encontradas argumentações tipicamente sintonizadas com os conceitos próprios aos postulados a esta linha macroeconômica. Identificamos um deslocamento de sentido entre a ideia de *reforma*, presente com caráter progressivo e anticapitalista nas duas alternativas macro-estratégicas do socialismo, e nos textos do PT, para a ideia de ‘reformas que o Brasil precisa’, defendidas com a utilização de vários tipos de argumentos, entre eles, os neoliberais.

INTRODUÇÃO

Nossa reflexão partiu do objetivo geral de analisar os sentidos assumidos pela ideia de socialismo no discurso do presidente Lula. Ao longo dos seus primeiros quatro anos à frente do Executivo Federal, segundo o sítio oficial¹, o presidente Lula proferiu 1.101 discursos, concedeu 127 entrevistas, escreveu 15 artigos e participou de 91 programas

¹ http://www.info.planalto.gov.br/static/inf_briefdiscusos.htm

“Café com o Presidente”, em um somatório total de 1.334 eventos discursivos. Ao utilizarmos as ferramentas de busca do próprio sítio, verificamos no primeiro levantamento que dentre todos os discursos proferidos, a palavra socialismo aparecia em 06 (seis) oportunidades e a palavra socialista em 15. Nas entrevistas a ocorrência da palavra socialismo alcançava o número de 05 (cinco) e a palavra socialista era utilizada em 03 (três) ocasiões. Nos programas “Café com o Presidente” e nos artigos escritos, ambas as expressões não apareciam. Desta forma, optamos por ampliar o número de palavras-chave, de forma a aumentar as possibilidades de encontrarmos sentidos associados à ideia de socialismo. Assim sendo, construímos uma metodologia combinando análise quantitativa e qualitativa, com a definição de 05 palavras-chave com o objetivo de ampliar o número de eventos discursivos a serem analisados. O objetivo deste texto é apresentar os resultados alcançados referentes a análise dos sentidos associados aos termos: Reforma e Revolução.

IDEOLOGIA, DISPUTA DE HEGEMONIA E TRANSFORMISMO

Afirmamos uma leitura da tradição marxista de pensamento, muito influenciada por autores que contribuíram para o enfrentamento teórico com as interpretações mecanicistas e deterministas do marxismo, sem, contudo, pontuarem no campo das narrativas apologéticas da ordem do capital (MARCUSE, 1988; GRAMSCI, 1978; LOWY, 1998; LUKÁCS, 1974). Desta forma, as ideologias como estruturas materiais complexas que recriam, em nível ‘imaginário’, a unidade da formação social como um todo, adquirem sentido enquanto formas de consciência especificamente orientadas pela e para a prática social e política. As construções ideológicas foram compreendidas, aqui, como a consciência social prática das sociedades de classe (MARX, 2001; LUKÁCS, 1974; GRAMSCI, 1978; EAGLETON, 1997; MÉSZÁROS, 2004). A disputa estratégica entre os trabalhadores se dá em sintonia com a disputa de hegemonia no âmbito geral da sociedade, de modo que ambas se comunicam e se influenciam dialeticamente. Hegemonia, portanto, não é homogeneidade, muito menos exclusividade de um ator social ou bloco de atores na arena política, mas sim o exercício concreto e cotidiano, de modo multidimensional, da prevalência de interesses, valores e visão de mundo de um conjunto social dominante, sobre os restantes conjuntos, subordinados ativa ou passivamente (GRAMSCI, 1978). Compreendemos que a prática discursiva é ideológica por excelência. Assim, os sujeitos do discurso político constroem e reconstróem suas

perspectivas estratégicas, também e em grande medida, através da sua discursividade. Na apresentação e funcionamento de suas estratégias discursivas, os seus elementos políticos, ideológicos e simbólicos, se afirmam enquanto balizas norteadoras dos seus objetivos, seus limites e compromissos (GRAMSCI, 1978; BAKHTIN, 2006; SOBRINHO, 2005). O contexto social em que se insere o discurso político é tão essencial quanto o seu lastro histórico. Através do discurso se realizam as potencialidades da macro-estratégia ideológica, na qual o sujeito político se compreende e se afirma, nas formas possíveis da sua liberdade de ação. O discurso político é compreendido aqui como ato de um diálogo particular que reitera uma matriz de interesses implicitamente dada. A leitura histórica esposada aqui, repõe com destaque a importância do projeto socialista para a construção do PT e de como esse projeto era reapropriado pelas correntes em sua disputa interna, em um momento no qual dentre os defensores da estratégia gradualista, ainda não predominava a adesão completa ao modo de produção capitalista. O mito do petismo autêntico como o motor fundamental de legitimação no comando do partido de um determinado grupo político e como esse mito foi reelaborado com as cores de uma dualidade que antes não existia: autoritários *versus* democráticos. A formulação desta ‘contradição’ entre socialismo e democracia, coincide com o nascimento do Campo Majoritário. Hoje, essa contradição acompanha a releitura da história produzida pelos teóricos que utilizam como fontes históricas exclusivas os depoimentos dos quadros políticos próximos deste grupo (COELHO, 2005). Posicionamo-nos, aqui, entre aqueles que assinalam a existência de um processo de transformismo político do PT que o tem levado a uma posição social-liberal e à sua integração ao bloco hegemônico das classes dominantes, seus associados e clientes. Isto tem produzido deslocamentos de sentido da ideia de socialismo no PT, que se não analisados através da compreensão do desenrolar de sua luta interna e do contexto social, tendem a levar a uma leitura naturalizadora da sua adesão à política hegemônica (BOITO, 2003; FILGUEIRAS, 2008; ALMEIDA, 2008). Este são os marcos da disputa de hegemonia entre as perspectivas ideológicas mais gerais (apologéticas, crítico-adaptativas e crítico-radicais) que, na esquerda política e social, se dividem prioritariamente entre as macro-estratégias gradualista-social-democrata e socialista-radical (MÉSZÁROS, 2004). Desta forma, estão compreendidos os elementos estruturantes da prática ideológica constituída pelas construções discursivas do presidente Lula, no que se refere à produção de sentidos a respeito do socialismo.

REFORMA E REVOLUÇÃO NO DISCURSO DO PRESIDENTE LULA

Códigos interpretativos associados à ideia de *Revolução*.

Código	Descrição	Quantidade
1	Referência histórica a processos revolucionários em geral	03
2	Adjetivação de políticas públicas, ações de governo, etc.	42
3	Referência a algum processo em curso no cenário internacional	01
4	Referência associada positivamente a ideia de estratégia radical objetivando o socialismo	00
5	Referência associada negativamente como método político ou de uma estratégia radical objetivando o socialismo	04
6	Construção positivamente associada à ideia de mudança ética e de valores	01
7	Comparação parcial com aspectos da experiência socialista no séc. XX	01
8	Referência individual elogiosa	02
9	Outros	04
	TOTAL	58

A ideia de revolução aparece nas construções discursivas de Lula como algo positivo, um indicador de qualidade das políticas públicas e das ações do governo. Acaso fosse uma ideia negativa, não seria usada com tanta frequência para adjetivá-las. Usualmente aparece como padrão de medida, o que se reflete na quantidade de eventos assim catalogados, como pode ser visto no discurso de abertura do 37º Congresso Nacional de Supermercados, no Rio de Janeiro/RJ, 15/09/2003 (ARAUJO COSTA, 2008, p. 146)*.

Encontramos a ideia de revolução na forma de adjetivação a essas políticas, porém, o mesmo não ocorre quando procuramos a ideia de revolução associada ao elogio de uma estratégia revolucionária, hoje ou ontem, no Brasil ou fora dele. Ao contrário, a revolução como processo é desqualificada de modo sumário em 04 (quatro) citações, como pode ser exemplificado em entrevista concedida à jornalista Insun Kang, do jornal Chosun Ilbo, em 20 de maio de 2005 (ARAUJO COSTA, 2008, p. 147).

Por quatro vezes foi verbalizado o posicionamento frequentemente usado pelos defensores das estratégias gradualistas de que é necessário privilegiar a ação imediata, em detrimento de objetivos mais radicais em longo prazo. Por duas vezes na forma do argumento de 'quem têm fome não faz revolução'. Isto não é nenhuma surpresa dado o desenvolvimento histórico das posições de Lula em relação ao debate estratégico para se chegar ao socialismo. Muito menos tendo na memória o processo vivido desde o início da década de 90 de redefinição ideológica e política dos setores componentes do campo majoritário, que culminou no transformismo político amadurecido do PT de tempos atuais.

A surpresa, no entanto, não tarda a chegar, pois o resultado da amostra nos chama consideravelmente a atenção para a frequência do recurso ao adjetivo de 'revolucionário' para as políticas implementadas por seu governo: 42 citações de uma total de 58. O imaginário da revolução, eminentemente positivo, é constantemente reiterado em permanente associação às ações de governo, apesar de praticamente inexistir enquanto possibilidade de futuro, método para o presente ou de elogio de experiências do passado.

A adjetivação de revolucionária é utilizada para caracterizar diversas políticas públicas e diversos programas do governo, tais como: a educação, os 'bio-combustíveis', a política externa, as cooperativas, o crédito, o programa de saúde bucal, as reformas nos portos, nos aeroportos e na infra-estrutura de transportes em geral, no programa de saúde mental, implantação de cisternas, entre outras. Dada a reconhecida perspicácia e competência política de Lula, reconhecida tanto por adversários quanto opositores em diversos momentos de sua carreira política – sem contar a existência dos aparatos de comunicação, assessoria e *marketing* no entorno petista e do planalto – é justo chegarmos à conclusão de que existe um motivo para tantas reafirmações.

Não nos parece factível que um autêntico plano revolucionário secreto, estivesse em operação, conectando os adjetivos 'revolucionários' com uma estratégia deste tipo para a construção do socialismo no Brasil. As políticas concretas do governo federal, o desenvolvimento recente do PT e de suas candidaturas no aspecto programático, nas políticas de alianças, nos financiamentos de campanha, na sua estruturação interna, nada nos autoriza a acreditar que exista uma conexão positiva com uma estratégia deste tipo.

Porém, algum sentido possui a associação das ações de governo com a ideia de revolução, seja ao nível do imaginário, nas formas ideológicas de compreensão da luta de classes e da disputa política no período, seja ao nível do cálculo pragmático petista na relação custo *versus* benefício; ou inclusive, na interação entre os dois elementos.

Nossa hipótese é que essas ocorrências estejam conectadas com a disputa político-ideológica em torno do projeto societário socialista, não só internamente ao PT, mas em amplas parcelas das suas bases sociais e inclusive do seu eleitorado que almejava uma candidatura de mudança. Neste sentido, as reiteradas afirmações sobre o caráter revolucionário das ações do governo possuem dois aspectos centrais:

1. Reafirmar que este é o governo de esquerda, da mudança, da luta social, independente das inflexões programáticas operadas ao longo da década de 90 e, principalmente, depois da Carta aos Brasileiros.
2. Disputar no interior das bases sociais e políticas do projeto socialista no Brasil, o sentido da transformação desejada, pois se todas essas ações são de fato revolucionárias, o caminho para se alcançar o socialismo é o que já está sendo trilhado. Possuir uma prática revolucionária é defender essas ações de governo e qualquer crítica à esquerda é, não só inconcebível racionalmente, como pode vir a ter efeitos danosos ao processo de transformação.

Códigos interpretativos associados à ideia de *Reforma*.

Código	Descrição	Quantidade
1	Reformas como necessidade positiva, que o "Brasil precisa"	15
2	Reforma do judiciário	28
3	Reforma da previdência social	23
4	Reforma tributária	22
5	Reforma trabalhista e sindical	07
6	Reforma agrária	26
7	Reforma política	18
8	Reforma universitária	03
9	Reforma da ONU e do seu Conselho de Segurança	09
10	Referência positiva à ideia de estratégia gradual objetivando o socialismo	03
11	Referência negativa à ideia de estratégia gradual objetivando o socialismo	00
12	Reforma ministerial	02

13	Referência negativa às reformas dos governos Collor, Itamar e FHC	00
14	Outros	03
	TOTAL	159

O primeiro elemento que chama a atenção na análise sobre as ocorrências da palavra *reforma* é a quantidade. Para a palavra revolução foram encontrados pelos critérios previamente definidos para a definição da amostra, 44 discursos e 58 citações, enquanto que para a palavra reforma foram acessados 48 discursos e um número de citações quase três vezes maior: 159. A pesquisa revela que nas construções discursivas de Lula a ideia de reforma ocupa um espaço central para o desenvolvimento político da agenda das ações governamentais para o período.

É fato de que esta não seja uma novidade, como a maioria das análises das características centrais do governo demonstrou até aqui. Da mesma forma, as análises sobre o PT também nos trouxeram a constatação do esvaziamento protagônico, da capacidade de influência dos setores outrora defensores da estratégia anticapitalista radical em seu interior. Seria, portanto, razoável imaginar anteriormente que as construções discursivas também apontassem para um cenário de fortalecimento da ideia de um governo de reformas

Ganha destaque o fato de, no interior das 159 citações sobre reforma, não apareceu uma crítica sequer às reformas neoliberais dos três governos anteriores, apesar destas mesmas reformas terem sido combatidas duramente pelo Partido dos Trabalhadores e a Central Única dos Trabalhadores, ao longo da década de 90. Independentemente da leitura que se faça a respeito, o fato é que as reformas neoliberais não foram alvo de crítica na prática discursiva do presidente Lula, quando este utilizou os termos associados à *reforma*.

Independentemente de como seja considerada, esta ausência nos diz que as construções discursivas de Lula durante os quatro anos do primeiro mandato pouparam as reformas anteriormente realizadas, não afirmaram as formas de compreensão anteriores do PT, deste modo preservando o caráter neoliberal das mesmas, na dimensão da batalha ideológica na qual o discurso é a principal arma, como vimos com Bakhtin, Gramsci e Mészáros. A recusa ao enfrentamento ideológico com as reformas que caracterizaram o neoliberalismo no Brasil, convive com a celebração das reformas que

serão implementadas pelo governo Lula, compreendido como aquele capaz de realizá-las, diferentemente dos governos anteriores que por insensibilidade, ou incompetência, não as fizeram. O que não tarda em ser reiterado já no pronunciamento à nação após a cerimônia de posse, Brasília/DF, 01/01/2003 (ARAUJO COSTA, 2008, p. 152). A crítica a desconstrução neoliberal dos anos anteriores, sintetizado no desejo de mudança que possibilitou a vitória eleitoral e o sentimento de que este seria o governo encarregado de realizá-las, paulatinamente deixa espaço para a afirmação e defesa das "reformas que o Brasil precisa", como transparece no discurso em evento empresarial na cidade de Mauá/SP, 10/03/2003 (ARAUJO COSTA, 2008, p. 152). Sorrateiramente o neoliberalismo sai de cena, contudo, sem abandonar o espetáculo e tal qual um narrador invisível, afirma sua presença através do conteúdo das reformas prioritárias e dos argumentos que lhe sustentam, agora, contudo, na voz do antagonista das reformas de anos anteriores, como explicitado no programa de rádio oficial de 03/05/2004 (ARAUJO COSTA, 2008, p. 153). Opera-se, portanto, um deslocamento de sentido entre a ideia de reforma como mudança social e a ideia de reforma tal como usada pelos políticos neoliberais. No imaginário das duas alternativas estratégicas do socialismo as reformas possuem caráter progressivo, em vista da taxação dos ganhos de capital, redução da taxa de lucro média das grandes empresas para financiar a ampliação de direitos constitucionais sociais de terceira geração e modificações legais visando a distribuição de renda e redução das desigualdades sociais. As reformas dos governos anteriores eram utilizadas em um contexto discursivo antiestatal, no qual prevalecia o elogio à competência do mercado, a busca pela maximização do lucro e a valorização dos elementos da visão liberal de mundo.

A mudança no sentido atribuído às reformas na prática discursiva do presidente Lula é muito sutil, e não representou a adoção integral dos valores liberais, tais como utilizados pelos governos anteriores. No entanto, é inegável que a fórmula das "reformas que o Brasil precisa", facilitou o esvaziamento do conteúdo social transformador das reformas. Esta fórmula, foi usada com frequência para reformas que, na prática, são exatamente o contrário de reformas contra os interesses do grande capital, portanto, sem nenhum caráter socializante. A síntese mais apropriada é portanto: o adjetivo que caracteriza de modo predominante as ações do governo é vinculado à ideia de revolução, mas o que preside sua agenda política prática, sua dimensão concreta e substantiva, é a realização de reformas de cunho liberal.

Luís Antônio de Araújo Costa
Professor no Curso de Serviço Social UNIME Salvador/BA
Mestre em Ciências Sociais pela UFBA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jorge. O papel do governo Lula e do PT na estabilização das instituições e da hegemonia. *In: Anais do 6º Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política*. Campinas, 2008. Disponível em:

<http://201.48.149.88/abcp2008/arquivos/22_7_2008_16_50_39.pdf> Acesso: 16 out. 2008.

ARAÚJO COSTA, L. A. **OS SENTIDOS DO SOCIALISMO NO DISCURSO DO PRESIDENTE LULA**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

COELHO, Eurelino. **Uma esquerda para o capital: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)**. Tese de doutoramento. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: Boitempo e UNESP, 1997.

FILGUEIRAS, Luiz; GONÇALVES, Reinaldo. **A economia política do governo Lula**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LOWY, Michael. **A evolução política de Lukács: 1909-1929**. São Paulo: Cortez, 1998.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**. Porto: Publicações Escorpião, 1974.

MARCUSE, Hebert. **Razão e revolução: Hegel e o advento da teoria social**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MARX, Karl. **Feuerbach Oposición entre las concepciones materialista e idealista. Primer capítulo de La Ideologia Alemana**. Disponível em:

<<http://www.marxists.org/espanol/m-e/1840s/feuerbach/index.htm>> Acesso: 20 jul. 2008.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004.

SOBRINHO, Helson S. Trilhar caminhos, seguir discursos: aonde isso poderá nos levar? *In: Anais do II Seminário de Análise do Discurso*. Porto Alegre, 2005.